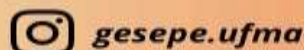


EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE GAYS NO SERTÃO MARANHENSE: narrativas de resistência, preconceito e sobrevivência

William Carlos de Sousa¹
Joelson de Sousa Morais²
Jónata Ferreira de Moura³

Resumo: A presente pesquisa é fruto de uma investigação, em andamento, de mestrado e tem como objetivo compreender como sujeitos gays do sul do Maranhão constroem suas trajetórias escolares atravessadas por marcadores sociais como, classe, raça e religião. Fundamentado nos estudos de gêneros e sexualidades e na sociologia crítica da educação, realiza-se uma pesquisa na perspectiva pós-crítica, apoiada na metodologia histórias de vida. A produção dos dados será realizada por meio de entrevistas narrativas em profundidade com cinco participantes de distintos municípios da referida região, que se autoidentificam como gays e que vivenciaram parte significativa de sua escolarização na região investigada. A análise será conduzida com base no referencial teórico queer-interseccional. Espera-se que os resultados ampliem a compreensão sobre as experiências escolares de sujeitos dissidentes em contextos interioranos, contribuindo para tensionar práticas pedagógicas excludentes e reafirmar a educação como espaço de disputa por reconhecimento, justiça social e dignidade.

Palavras-chave: Trajetórias escolares. Gêneros e sexualidades. Histórias de vida. Heteronormatividade.

SCHOOL TRAJECTORIES OF GAY MEN IN THE BACKLANDS OF MARANHÃO: narratives of resistance, prejudice, and survival

Abstract: The present study stems from an ongoing Master's research project and aims to understand how gay subjects from southern Maranhão construct their school trajectories as

¹ Mestrando em Educação e Práticas Educativas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Educação e Diversidades pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). Pedagogo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor da rede municipal de ensino no município de Montes Altos/MA.

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (CCCO/UFMA), atuando no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE).

³ Doutor em Educação (Educação Matemática) pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, com período de estágio doutoral na Universitat de Barcelona (09/2018-02/2019). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA), atuando no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE); Coordenador do PPGEPE.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



shaped by social markers such as class, race, and religion. Grounded in gender and sexuality studies and in the critical sociology of education, the research is conducted from a post-critical perspective, drawing on the life history methodology. Data production will be carried out through in-depth narrative interviews with five participants from different municipalities in the aforementioned region, who self-identify as gay and experienced a significant part of their schooling in the region under investigation. The analysis will be conducted based on a queer-intersectional theoretical framework. The expected results seek to broaden the understanding of the school experiences of dissident subjects in inland contexts, contributing to problematizing exclusionary pedagogical practices and reaffirming education as a space of struggle for recognition, social justice, and dignity.

Keywords: School trajectories. Gender and sexualities. Life histories. Heteronormativity.

TRAYECTORIAS ESCOLARES DE GAYS EN EL SERTÓN MARANHENSE:
narrativas de resistencia, prejuicio y supervivencia

Resumen: La presente investigación es resultado de un estudio de maestría en curso y tiene como objetivo comprender cómo sujetos gays del sur de Maranhão construyen sus trayectorias escolares atravesadas por marcadores sociales como clase, raza y religión. Fundamentada en los estudios de género y sexualidades y en la sociología crítica de la educación, se desarrolla una investigación desde una perspectiva poscrítica, apoyada en la metodología de historias de vida. La producción de los datos se realizará mediante entrevistas narrativas en profundidad con cinco participantes de distintos municipios de la referida región, que se autoidentifican como gays y que vivieron una parte significativa de su escolarización en la región investigada. El análisis se llevará a cabo con base en el referencial teórico queer-interseccional. Se espera que los resultados amplíen la comprensión sobre las experiencias escolares de sujetos disidentes en contextos del interior, contribuyendo a problematizar prácticas pedagógicas excluyentes y a reafirmar la educación como un espacio de disputa por reconocimiento, justicia social y dignidad.

Palabras clave: Trayectorias escolares. Géneros y sexualidades. Historias de vida. Heteronormatividad.

INTRODUÇÃO

Este ensaio nasce das inquietações produzidas nos bastidores das escolas! Espaço esse, simultaneamente formativo e normativo no qual práticas pedagógicas, rotinas disciplinares e códigos morais produzem vigilância e regulação das expressões

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



de gênero e sexualidade (Foucault, 1988; Butler, 2019). Embora atravessada por mecanismos de normalização, a instituição escolar também pode constituir-se como espaço de conscientização e resistência. Ao instituir normas e expectativas, contribui para a consolidação de uma matriz heteronormativa que centraliza determinadas identidades e marginaliza outras (Louro, 2014).

Compreendidos como construções históricas e políticas, gêneros e sexualidades estruturam relações de poder e produzem hierarquias sociais (Scott, 1995). A sexualidade configura-se como campo discursivo atravessado por saberes que classificam e normalizam sujeitos (Foucault, 1988), enquanto o gênero opera como performance reiterada sob coerção normativa (Butler, 2019). No contexto educacional brasileiro, tais dinâmicas manifestam-se por meio de práticas explícitas e simbólicas de exclusão, frequentemente associadas à violência simbólica (Bourdieu, 1998), incidindo sobre trajetórias escolares dissidentes.

Situado no âmbito de uma pesquisa de Mestrado em andamento, o presente estudo tem como objetivo compreender como sujeitos gays do sul do Maranhão constroem suas trajetórias escolares atravessadas por marcadores sociais como, classe, raça e religião. Partimos do pressuposto de que normas, preconceitos, dissidências e resistências constituem elementos estruturantes desses percursos, incidindo diretamente sobre os processos de constituição subjetiva, permanência e reconhecimento social.

1.1 Tecendo sentidos: narrativas, memória e construção de si

Considerando a escola como espaço de normatização e produção de subjetividades, torna-se necessário adotar um referencial teórico-metodológico capaz de compreender como esses processos são vividos, interpretados e reelaborados pelos sujeitos.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Nesse sentido, a narrativa constitui um dispositivo analítico central, pois permite acessar os modos pelos quais os sujeitos atribuem sentido às próprias experiências. Ao narrar, o indivíduo seleciona, organiza e hierarquiza acontecimentos, transformando vivências em experiências interpretadas e dotadas de coerência.

As reflexões de Moura e Nacarato (2019, p. 1132) contribui decisivamente para compreender a narrativa como prática constitutiva do sujeito. Ao afirmarem que “narrar é a forma elementar de comunicação humana.”, os autores deslocam a narrativa do plano meramente descritivo para o plano hermenêutico, indicando que o sujeito não apenas relata acontecimentos, mas realiza um trabalho interpretativo sobre si. As narrações autobiográficas, nesse sentido, não funcionam como simples espelhos da identidade; elas participam ativamente de sua constituição, na medida em que organizam experiências dispersas e produzem uma coerência retrospectiva. Conforme argumenta Ricoeur (2014), é por meio da configuração narrativa que o indivíduo articula passado, presente e futuro, construindo aquilo que denomina identidade narrativa. A memória, nesse processo, não constitui simples depósito de fatos, mas instância interpretativa que reconfigura o vivido à luz do presente, atribuindo coerência à experiência.

É no ato de narrar-se que o sujeito realiza um trabalho de organização e significação do vivido, produzindo-se como personagem de sua própria história Delory-Momberger (2006). A narrativa, portanto, não apenas relata acontecimentos, mas opera como dispositivo de subjetivação, na medida em que transforma experiências dispersas em trajetória dotada de sentido.

Sob essa perspectiva, compreender narrativas implica reconhecer que a construção de si é um processo relacional, temporal e socialmente situado, atravessado por regimes de verdade e relações de poder que moldam as possibilidades de dizer-se Foucault (1979). Tecendo sentidos, a palavra converte a existência em campo de

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDDE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



reflexão crítica, evidenciando que a identidade não é essência fixa, mas produção histórica e discursiva.

Assim sendo, a abordagem (auto)biográfica constitui não apenas um procedimento técnico, mas uma posição epistemológica que reconhece a experiência narrada como campo legítimo de produção de conhecimento. Moura (2023) afirma que a narrativa é uma reconstrução reflexiva da experiência, por meio da qual o sujeito atribui significado ao vivido. Narrar, portanto, não é relatar fatos, mas produzir sentido.

No campo educacional, Nóvoa (1992) reforça essa perspectiva ao deslocar a formação docente de uma lógica tecnicista para uma concepção reflexiva e identitária. Conforme afirma:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. A experiência, quando narrada e analisada, transforma-se em saber da experiência, permitindo ao sujeito compreender os sentidos da sua própria trajetória. (NÓVOA, 1992, p. 25).

A narrativa, nesse horizonte, constitui instrumento privilegiado para compreender processos formativos, pois permite acessar dimensões subjetivas frequentemente invisibilizadas por abordagens positivistas. Ao narrar sua trajetória, o sujeito produz conhecimento sobre si e sobre a instituição escolar.

No campo da pesquisa qualitativa, Alves e Silva (2022) reforçam que a História de Vida ultrapassa a mera coleta de relatos, exigindo profundidade interpretativa e compromisso ético-metodológico. Conforme afirmam:

História de Vida é um método com a profundidade necessária para a compreensão dos conflitos humanos, especialmente daqueles que são silenciados permanecendo à margem da sociedade, no entanto, a riqueza desse método e a diversidade de instrumentos que podem ser utilizados para a composição da história de vida é pouco conhecida, o que gera dúvidas acerca de sua realização, validade e cientificidade. (ALVES; SILVA, 2022, p. 9).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDDE DA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Essa afirmação é particularmente relevante quando se investigam trajetórias escolares de sujeitos gays em contextos interioranos, pois evidencia que a narrativa constitui instrumento de visibilização de experiências historicamente marginalizadas.

Ainda segundo Alves e Silva (2022), a distinção entre Relato de Vida e História de Vida é fundamental para evitar reducionismos metodológicos. Ao conceituarem a História de Vida, afirmam:

A História de Vida por sua vez é mais abrangente e inclui o relato de vida (Life Story) como um dos instrumentos para reconstruir uma história sem, entretanto, limitar-se a ele. Trata-se de reconstruir uma história da forma como ela é vivenciada (e não apenas contada) [...] utilizando-se de outras fontes para complementar e contextualizar o relato apresentado, como por exemplo, provas documentais, dados históricos, laudo médico, entrevista com outros informantes, fotografias, textos, observações, dentre outros, com a intencionalidade de possibilitar uma análise intertextual e intercontextual. (ALVES; SILVA, 2022, p. 17-18).

Tal perspectiva reforça o caráter interpretativo e relacional da abordagem, afastando-a de leituras meramente descritivas ou ilustrativas.

No campo da produção de subjetividades, Delory-Momberger (2006) oferece uma das formulações mais densas acerca da centralidade da narrativa na constituição do sujeito:

A narrativa realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade signifiicante; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico. [...] É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363).

Essa formulação evidencia que narrar é um ato de subjetivação, no qual o sujeito organiza simbolicamente sua existência.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



No plano sociológico, Ferrarotti (2014) enfatiza o estatuto epistemológico da história de vida como método autônomo, alertando contra seu uso ilustrativo ou quantitativista:

A história de vida como método autônomo implica necessariamente uma historicidade não historicista. Em outras palavras, implica uma ruptura com a concepção da história enquanto sucessão diacrônica, orientada para suposta verdade de um sentido geral, monopolizado pelas elites, depositárias exclusivas do valor. A história de vida não se apresenta mais como um conjunto de elementos para ilustrar o que já é conhecido [...] (FERRAROTTI, 2014, p. 50-51).

Ao afirmar a autonomia epistemológica da biografia, Ferrarotti (2014), impede que as narrativas sejam reduzidas a exemplos periféricos dentro de quadros interpretativos previamente definidos.

No campo da formação, Josso (2007) sustenta que a abordagem (auto)biográfica amplia o repertório epistemológico e contribui para a consciência de si individual e coletiva:

[...] se apresentam como uma via de conhecimento que enriquece o repertório epistemológico, metodológico e conceitual dos educadores [...] permitindo-nos desenvolver uma consciência do si individual e coletivo mais sutil. (JOSSO, 2007, p. 437).

Essa ampliação teórica reforça o argumento de Moura (2023) de que o rigor da abordagem (auto)biográfica reside na densidade interpretativa e na ética da escuta. Ao mesmo tempo, articula-se à dimensão política evidenciada por Brito e Moura (2025), que afirmam que as narrativas de docentes gays produzem deslocamentos simbólicos ao tensionarem os silenciamentos curriculares e os regimes normativos que atravessam a escola, reinscrevendo suas trajetórias como espaços legítimos de saber e prática pedagógica.

Complementarmente, Moura e Nacarato (2019) destacam que as narrativas revelam “projetos de si”, ao possibilitarem processos de reinvenção subjetiva, a entrevista narrativa evidencia projetos de si que atravessam a constituição docente, permitindo

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



compreender como o sujeito interpreta suas experiências, reposiciona-se no presente e projeta novos horizontes de atuação profissional.

Desse modo, a abordagem (auto)biográfica articula rigor epistemológico e potencial analítico ao reconhecer a experiência como fonte legítima de produção de conhecimento. Ao compreender a narrativa como prática de subjetivação e elaboração crítica, possibilita analisar como sujeitos atribuem sentido às próprias trajetórias. Nesse marco, investigar percursos escolares de sujeitos gays implica compreender como suas narrativas produzem leituras críticas da escola e tensionam os significados atribuídos às existências LGBTQIA+ em contextos interioranos.

1.1.1 Gênero, sexualidade e normatividade: produção de subjetividades no espaço escolar

A escola opera como dispositivo de regulação social ao produzir subjetividades e instituir regimes de legitimidade sobre corpos e identidades. No interior de relações de poder, organiza hierarquias simbólicas que definem padrões de reconhecimento no campo do gênero e da sexualidade. Nesse arranjo normativo, a heterossexualidade e a cisgeneridade funcionam como matriz de inteligibilidade, enquanto experiências dissidentes são deslocadas para zonas de desqualificação, silêncio ou estigma.

Bourdieu (2010) analisa a escola como espaço de reprodução simbólica, no qual opera a violência simbólica, definida como “violência suave, invisível, insensível, exercida essencialmente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento” (BOURDIEU, 2010, p. 47). Essa noção esclarece por que a exclusão das sexualidades dissidentes raramente se apresenta de forma explícita. No cotidiano escolar, manifesta-se na escassez de representações positivas da diversidade sexual, na banalização de discursos homofóbicos e na expectativa implícita de silenciamento das identidades gays.

Foucault (1988) amplia essa análise ao conceber a sexualidade como um dispositivo histórico de poder. Em *História da Sexualidade I*, o autor afirma:

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências se encadeiam uns aos outros. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

A partir dessa concepção, torna-se evidente que a escola participa ativamente desse dispositivo, regulando tanto o que pode ser dito quanto o que deve ser silenciado sobre gênero e sexualidade. A interdição desses debates não elimina as sexualidades dissidentes do espaço escolar; ao contrário, reforça a norma heterossexual como padrão e intensifica os mecanismos de controle sobre os corpos considerados desviantes.

Butler (2019), aprofunda esse debate ao questionar a naturalização do gênero e ao introduzir o conceito de performatividade. Segundo a autora: “o gênero não deve ser concebido como uma identidade estável ou um lugar de onde derivam diferentes atos; ao contrário, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída por meio de uma repetição estilizada de atos”. (BUTLER, 2019, p. 59). Essa compreensão permite analisar o espaço escolar como um território de constante vigilância das performances de gênero. Estudantes que não correspondem às expectativas de masculinidade ou feminilidade hegemônicas tornam-se alvos de sanções simbólicas e materiais, o que contribui para trajetórias escolares marcadas por sofrimento, evasão e resistência.

Louro (2014), reforça essa leitura ao afirmar que a escola é um dos principais espaços de produção das normas de gênero e sexualidade. Para a autora: “A escola não apenas transmite conhecimentos, mas fabrica sujeitos. Ela ensina modos de ser, de viver o corpo, de desejar, de se relacionar, produzindo identidades que se pretendem naturais, universais e permanentes”. (LOURO, 2014, p. 17).

Assim, a escola emerge como um espaço central na produção de subjetividades alinhadas à heteronormatividade, configurando-se como um território ambíguo para

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



sujeitos gays: ao mesmo tempo em que possibilita acesso à escolarização, opera como espaço de controle e exclusão.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo, ancora-se pela perspectiva pós-crítica, na sociologia crítica da educação e fundamentada na metodologia das histórias de vida.

Em relação à perspectiva pós-crítica, está ancorada nas formulações pós-estruturalistas de Foucault (1987) e Derrida (1971), que problematizam os regimes de verdade, os dispositivos de poder e os processos de produção de subjetividades. No campo educacional brasileiro, tal perspectiva é sistematizada por Silva (1999) e Veiga-Neto (2002), ao compreenderem o currículo e a escola como artefatos culturais implicados na produção e regulação de identidades. A abordagem pós-crítica desloca a análise de estruturas totalizantes para os processos discursivos que constituem gênero, sexualidade e diferença.

A sociologia crítica da educação, especialmente nas contribuições de Bourdieu e Passeron (1970), ao evidenciarem a escola como instância de reprodução das desigualdades sociais por meio da legitimação do capital cultural dominante. Dialoga ainda com Bernstein (1990), que analisa os códigos pedagógicos como mecanismos de diferenciação social, e com Apple (2006), ao compreender o currículo como campo de disputas ideológicas. No contexto brasileiro, Saviani (2017) contribui para a compreensão da escola como espaço contraditório, marcado tanto pela reprodução quanto pela possibilidade de transformação social. Tal referencial permite situar as trajetórias escolares investigadas no interior de estruturas sociais mais amplas, articulando desigualdades de classe às dinâmicas de gênero e sexualidade.

Partimos do reconhecimento de que as narrativas constituem formas legítimas de produção de conhecimento quando se busca compreender experiências subjetivas e

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



sentidos atribuídos à escolarização por sujeitos dissidentes da norma sexual hegemônica. Conforme Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa implica postura interpretativa diante do mundo social, enquanto Minayo (2012) destaca que ela se ocupa do universo dos significados, valores, crenças e aspirações que não se reduzem à quantificação. Nessa perspectiva, o conhecimento é compreendido como relacional e situado.

A opção pela metodologia das histórias de vida, fundamenta-se na concepção de que identidade, memória e trajetória são construções socioculturais. Para Clandinin e Connelly (2011), este tipo de metodologia de pesquisa, envolve o mergulho nas histórias vividas e contadas, reconhecendo seu caráter temporal e relacional. Assim, as histórias dos participantes serão tratadas como territórios de produção de sentido e subjetivação, em consonância com Larrosa (2002), para quem o ato de narrar constitui ato formativo e de ressignificação da experiência.

Participarão cinco homens gays, de municípios distintos, maiores de dezoito anos, que tenham cursado parte significativa da educação básica em municípios do sul do Maranhão. A seleção será intencional, podendo recorrer ao critério de “bola de neve”, estratégia pertinente em pesquisas com grupos marcados por estigmatização social. Assim, a pesquisa observará os princípios éticos da Resolução nº 510/2016, garantindo anonimato, confidencialidade, direito à desistência e cuidado com possíveis impactos emocionais.

A produção dos dados ocorrerá por meio de entrevistas narrativas em profundidade. As entrevistas serão realizadas individualmente, gravadas mediante autorização, transcritas integralmente e devolvidas para validação. Tal escolha metodológica fundamenta-se na compreensão de que a entrevista narrativa não se limita à coleta de informações, mas constitui um dispositivo de produção de sentidos. Conforme argumentam Moura e Nacarato (2017), a entrevista narrativa configura-se como um espaço em que o sujeito reorganiza temporalmente sua experiência,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDDE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



produzindo interpretações sobre sua trajetória. Para os autores, trata-se de um processo no qual narrar implica atribuir coerência ao vivido, evidenciando que os dados não são simplesmente extraídos, mas construídos na interação entre pesquisador e participante. Assim, a entrevista narrativa assume caráter dialógico e formativo, permitindo que emergem não apenas fatos biográficos, mas processos de subjetivação e projetos de si que atravessam as trajetórias escolares investigadas.

A análise será conduzida a partir de um referencial teórico queer-interseccional. A teoria queer, conforme Butler (2019) e Sedgwick (1990), questiona a estabilidade das identidades sexuais e de gênero, compreendendo-as como efeitos performativos reiterados sob coerção normativa. No contexto brasileiro, Louro (2004) contribui para a articulação entre teoria queer e educação, evidenciando a escola como espaço de produção da heteronormatividade. A dimensão interseccional, fundamentada em Collins (2019), permite compreender que marcadores sociais como classe, raça, religião e sexualidade operam de forma imbricada, produzindo posições diferenciadas de vulnerabilidade e reconhecimento. Assim, o referencial queer-interseccional possibilita analisar as trajetórias escolares como experiências atravessadas por múltiplas relações de poder que se articulam na produção das desigualdades educacionais.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

As considerações aqui apresentadas reiteram que esta pesquisa nasce de uma dupla implicação: acadêmica e existencial. Enquanto investigação em nível de mestrado, seu propósito é compreender criticamente como sujeitos gays do sul do Maranhão constroem suas trajetórias escolares em contextos atravessados por normas heteronormativas, preconceitos e múltiplos marcadores sociais. Contudo, mais do que mapear experiências de exclusão, a intenção central é produzir uma leitura analítica que evidencie as engrenagens simbólicas que sustentam desigualdades no interior da escola, contribuindo para o avanço dos estudos de gênero, sexualidade e educação em contextos interioranos ainda pouco explorados.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Como pesquisador e membro da comunidade LGBTQIA+, este trabalho também expressa um compromisso ético-político com a visibilização de narrativas historicamente silenciadas. Há o anseio de que a pesquisa não se limite à descrição das violências, mas que reconheça as estratégias de resistência, permanência e reinvenção elaboradas por sujeitos que insistem em existir em espaços que, muitas vezes, lhes negam legitimidade. Trata-se de transformar a experiência vivida — atravessada por tensões, enfrentamentos e buscas por reconhecimento — em produção de conhecimento crítico, capaz de tensionar naturalizações e ampliar horizontes de compreensão.

Assim, a pesquisa carrega o desejo de contribuir para que a escola seja pensada para além de sua função normativa, afirmando-a como território possível de acolhimento, justiça e dignidade. O anseio que a sustenta é que o conhecimento produzido possa colaborar para práticas educativas mais sensíveis à diversidade, fortalecendo políticas e pedagogias comprometidas com o reconhecimento das existências dissidentes. Investigar essas trajetórias, portanto, é também afirmar o direito de narrar, existir e transformar na ciência e na escola, os sentidos atribuídos às vidas LGBTQIA+.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Paula; SILVA, Nilson. **História de vida em pesquisas qualitativas**. Marília: LabEditorial, 2022. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/view/377/3718/6755. Acesso em: 21 fev. 2026.
- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BERNSTEIN, Basil. **Class, codes and control: the structuring of pedagogic discourse**. London: Routledge, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2014. (Original publicado em 1970).

BRITO, Jamerson Jussara da Silva; MOURA, Jónata Ferreira de. **Narrativas de docentes LGBTQIAPN+**: currículo, trajetórias e práticas pedagógicas. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 535–561, set. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.923>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento** / Patricia Hill Collins ; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: [Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento](#). Acesso em 20/02/2026.

DERRIDA, Jacques. **A escrita e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 357–374, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, 2008.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas ciências sociais.** Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MOURA, Jónata Ferreira de. **As potencialidades da abordagem (auto)biográfica e os desafios em sua validação teórico-metodológica.** InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, Grajaú, v. 9, n. 2, p. 1–25, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18764/2446-6549.e202324>. Acesso em: 1 fev. 2026.

BRITO, John Jamerson da Silva; MOURA, Jónata Ferreira de. **Narrativas de docentes gays e o currículo de pedagogia: a produção de sentidos sobre um espaço de transgressão e resistência.** Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 535-561, set. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.923>. Acesso em: 15 fev. 2026.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



MOURA, Jónata Ferreira de; NACARATO, Adair Mendes. **Narrativas revelando projetos de si na trajetória de formação docente**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 4, n. 12, p. 1125-1140, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426x.2019.v4.n12.p1125-1140>. Acesso em 20 fev. 2026.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.